

**COLUNA**

## **SOBRE A MAIORIA MINORIZADA NA PÁTRIA GRANDE**

**Richard Santos**

### **A encruzilhada do poder negro: signos e significantes nas eleições 2020**



**A**s eleições municipais de 2020 estão chegando e com grande incerteza se serão mantidas as datas programadas pelo Tribunal Superior Eleitoral ou se sofrerão mudanças devido a pandemia da Covid-19, que requer isolamento e que se evite aglomerações.

Serão eleições marcadas pelo grande ativismo digital e pouca atuação da militância nas ruas de forma tradicional para apresentação de propostas de candidatos (as) e convencimento dos não convencidos. Ocorre que no artigo “A encruzilhada do poder negro: discurso e voto nas eleições<sup>1</sup>” trouxe uma rápida amostragem histórica sobre a participação negra na política dos países americanos e destaquei alguns nomes de homens e mulheres que fizeram história e alcançaram o mandato no executivo.

Como alguém que pesquisa a comunicação estratégica, os códigos de identificação pessoal e das massas, códigos não digitais, não algoritmos, e sim de relacionamento e identificação humana, posso afirmar que a todos (as) os citados (as) no artigo tem por características de suas vitórias nas urnas a construção de identificação (através de projetos de intervenção social, políticas comunitárias, etc) e manipulação de signos que geram identificação, e formulam um signifiante interativo com quem se quer alcançar, integrador comunitário, de classe, gênero ou raça.

Visto de forma objetiva, aplicado à política do voto e, principalmente do chamado voto da Maioria Minorizada, signos e significantes serão essenciais para gerar *likes*, curtidas e compartilhamentos num momento onde a presença corpórea na busca do voto, a conversa ao pé do ouvido, o pastel no bar e a

---

<sup>1</sup> Artigo publicado em Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 33, fev. 2020 – Link: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/33/A%20encruzilhada%20do%20poder%20negro%20discurso%20e%20voto%20nas.pdf> Acesso em 09/06/2020.

cerveja na encruzilhada da rua serão escassos e não recomendados sanitariamente.

O que está em pauta neste momento são a mensagem e sua embalagem. Considerando que a mensagem é composta pelo emissor a partir de um repertório de signos que busca atingir um público específico (a recepção) e, se absorvida pelo receptor, retornar como resposta desse público ao emissor, o que gera comunicação, a reação à mensagem é o que comunica. Essa mensagem é carregada de signos que geram significantes e representam uma real economia da comunicação política e social.

Podemos trazer o exemplo da invisibilidade dos jornalistas e comunicadores negros (as) na mídia televisiva de massa como signo de branquitude das mesmas e reação do público ao escrachar as imagens de brancos totalizantes discutindo racismo do púlpito da igreja eletrônica que é a televisão hegemônica. Houve ali uma emissão de signos e as significações foram contrárias ao esperado pelo emissor.



Foto: Getty Images

Melhor explicado, jornalistas brancos lidos como progressistas e outros tidos como racistas, estavam todos “autorizados” e serelepes falando sobre a realidade de violência e assassinato de negros (as) nos EUA e no Brasil. Importante frisar que a comoção e pauta midiática surgiram devido ao assassinato do estadunidense negro, George Floyd, e não porque a cada 23 minutos<sup>2</sup> um jovem negro é assassinado no Brasil. Interessante observar o agendamento da mídia brasileira feito pelas notícias e demandas estadunidenses, e das agências de notícias internacionais, mas esse não é o meu objetivo aqui, hoje. Seguiremos falando de política eleitoral.

<sup>2</sup> A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil, diz CPI do Senado sobre o Assassinato de Jovens - <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295> Visualizado em 10/06/2020.



Equipe de jornalistas brancos debatem racismo após o assassinato de George Floyd.

A audiência reagiu criticando um bando de brancos falando sobre o problema branco do agir excludente e eliminador, subalternizador do negro. Onde estavam os intelectuais e jornalistas negros para falar sobre esse problema branco, questionou quem assistia através de *memes* nas redes sociais, debates acalorados em aplicativos de comunicação instantânea e mensagens às emissoras, principalmente Rede Globo e CNN.



Após críticas a Rede Globo reexibiu especial debate o racismo com Glória Maria e time de jornalistas formado por Heraldo Pereira, Maju Coutinho, Aline Midlej, Flávia Oliveira, Zileide Silva e Lilian Ribeiro

Enfim, a emissão não foi muito bem recebida pela recepção. Mas, supõe-se que a atitude do emissor foram as “melhores possíveis”, porém, a recepção leu os signos de modo distinto da intenção de quem emitiu.



Esse ruído entre o que se emite e o que se recebe acontece costumeiramente nas eleições, também, em relação aos candidatos(as) negros(as), e pouco se discute. Nossos candidatos (as), pouco se colocam abertos para essa escuta e avaliação, poucos(as) se abrem para considerações internas de suas filiações partidárias, quiçá para quem está de fora dos quadros de direção dos partidos. Muitas vezes fazendo uma leitura anacrônica e distante dos instrumentais contemporâneos para interpretação dessa realidade pautada pelas relações sociais

digitais, e emissão de signos e leituras significantes de maneira geral.

Esse é um debate que vem sendo travado no continente americano, também nas eleições estadunidenses, e que especialistas externos às direções partidárias, com o peso do apego a seus cargos e possibilidades de ganhos pessoais, têm acertado mais do que os de dentro. Raros são os assessores e parceiros dos(as) candidatos que fazem esse debate, têm acesso a ele, e/ou propõem uma correção de rumo das campanhas por receio de desagradar o (a) candidato(a), não ser compreendido pelo mesmo e/ou pela direção do partido, e, assim ser eliminado do grupo próximo àquele candidato incidindo positivamente em sua vitória eleitoral. Esses muros comunicacionais prejudicam significativamente, principalmente, aos candidatos(as) sem muitos recursos e que dependem da criatividade de seus pares para se destacarem na corrida por um mandato representativo.

No artigo citado anteriormente, não falei dos Estados Unidos da América propositalmente, muito tem-se estudado sobre aquela realidade e pouco tem-se trazido para nossa interpretação as inovações e alternativas comunicacionais usadas naquele norte. É desde a eleição de Barack Obama para seu primeiro mandato que vimos por lá o peso das redes sociais digitais e a influência dos signos emitidos e da significação destes por sua recepção. Lembremos o fato de Obama não tocar no tema racial durante a campanha e informar que seu fenótipo e família bastavam para interpretação de si como um cidadão que sobrepujava o debate racial. O quê, olhando a distância, podemos afirmar que não era verdade. Porém, observem que ali estava posto um debate sobre signo e significante.

Asé pra quem é de Asé!



### **Richard Santos**

Também conhecido como Big Richard, é nascido no bairro Rio Comprido, Rio de Janeiro, pioneiro do Hip Hop carioca, criador da ATICOM, Associação Hip Hop Atitude Consciente (1992), autor de quatro livros autorais, sendo que os dois primeiros *O Rei Zumbi – Um herói da liberdade* (Editora Planetinha Paz, 1998) e *Zeca & Juninho no Mundo dos Homens* (Editora Planetinha Paz, 1998), são livros infantis escritos para seu filhos Kayodê & Kazembê, e, conseqüentemente, para as demais crianças que não tinham oferta de literatura auto referenciada naquela época. *Hip Hop Consciência & Atitude* (2005), livro sobre ativismo e arte no Hip Hop brasileiro. Seu mais recente livro é *Branquitude & Televisão. A nova (?) África na TV pública* (Gamma, 2018). Foi produtor, repórter e apresentador de TV por mais de vinte anos, com passagens por emissoras como Globo, Band, TV da Gente e TV Brasil.

É pós-doutorando no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto do Centro de Formação em Artes, CFA, e do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal do Sul da Bahia, UFSB. Doutor em Ciências Sociais pelo Departamento de Estudos Latino-americanos – ELA /UNB. Mestre em comunicação pela Universidade Católica de Brasília. Especialista em História e Cultura no Brasil pela Universidade Gama-Filho. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro da Nação Hip Hop Brasil. Tem como principais objetos de pesquisa, televisão, diversidade étnico-racial, hegemonia e contra hegemonia no contexto das indústrias culturais.